



**AS INSEPARÁVEIS, DE SIMONE DE BEAUVOIR: (NÃO) SER COMO EFEITO
DO DIZER**

**THE INSEPARABLES, BY SIMONE DE BEAUVOIR: (NOT) BEING AS AN
EFFECT OF SAYING**

Larissa Carolina de Andrade¹

Recebido em: 22/10/2022

Aceito em: 06/12/2022

DOI: 10.26512/aguaviva.v7i3

RESUMO: Este artigo discute as noções de ser e não ser sob a perspectiva sofística, que, ao afirmar que nem ser nem não ser não é (DINUCCI, 2008a, 2008b; CASSIN, 2005), instaura um novo modo de conceber também o indivíduo, o qual não está mais atado a uma verdade ou essência a ser buscada dentro ou fora de si, ou seja, pautada na ontologia do ser. O discurso, como evento novo, único e irrepetível é o responsável pelas mudanças operadas no indivíduo, isto é, se cada novo enunciado constitui um novo acontecimento, o não ser não pode ser considerado, dessa perspectiva, como instaurador da mudança, da transformação individual e/ou coletiva. Esse tema é aqui debatido à luz de uma narrativa autobiográfica, a saber: *As inseparáveis*, de Simone de Beauvoir (2021), cuja leitura é a de que não se trata de uma escrita do eu, num sentido especificamente autobiográfico, mas de um eu de escrita, que precisa encontrar sempre outros modos de dizer eu.

PALAVRAS-CHAVE: ser; não ser; ontologia; Simone de Beauvoir; *As inseparáveis*.

ABSTRACT: This paper discusses the notions of being and not being under the sophistical perspective, which, by stating that neither being nor not being is not (DINUCCI, 2008a, 2008b; CASSIN, 2005), establishes a new way of conceiving also the individual, no longer being tied to a truth or essence to be sought inside or outside himself, that is, based on the ontology of being. The discourse, as a new, unique and unrepeatable event, is responsible for the changes operated in the individual, that is, if each new enunciation constitutes a new event, the non-being cannot be considered, from this perspective, as the instaurer of change, of individual and/or collective transformation. This theme is discussed here in the light of an autobiographical narrative, namely: *The Inseparables*, by Simone de Beauvoir (2021), whose reading is that it is not a writing of the self, in a specifically autobiographical sense, but a writing self, which always needs to find other ways of saying self.

KEYWORDS: being; non-being; ontology; Simone de Beauvoir; *The inseparables*.

¹ Doutoranda em Letras, área de concentração em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: larissa.carolina.93@gmail.com.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, persigo a seguinte questão: quando um(a) autor(a) decide escrever sobre si, o que move essa busca, ou melhor, um indivíduo que, por meio da escrita, investiga a si, numa tentativa também de traduzir sua experiência ao outro, a que(m) procura? Que ser é esse a ser investigado pelas memórias passadas, presentes, lançando-se sempre ao futuro? Alguns responderiam: a sua identidade. Mas a que exatamente essa “identidade” faz referência? Partindo de um ponto de vista sofisticado, que nega a ontologia do ser, como justificar essa busca do próprio ser (indivíduo) por si mesmo uma vez que não há nada aquém ou além do discurso de sua individualidade?

Tais questões serão aventadas à luz da literatura, mais especificamente do primeiro romance autobiográfico de Simone de Beauvoir – *As inseparáveis*. Essa escolha está pautada nas relações recíprocas entre literatura e filosofia, e filosofia e literatura. Desse modo, esta análise não repousa numa acepção acrítica da relação pensamento e linguagem: “[...] como se o pensamento se elaborasse a si mesmo numa altivez soberana sem o tatear na temporalidade das palavras que, no entanto, o constitui [...]” (GAGNEBIN, 2009, p. 202). Nesse sentido, a retórica e a sofística são práticas cuja reflexão reconhece o peso da palavra.

Há muito, de Platão a Wittgenstein, o tema do dizível e do indizível na linguagem integra o debate filosófico. Górgias, em seu *Tratado do não ser*, defende a impossibilidade de dizer o ser (ou algo sobre ele), por isso sua tríade máxima – “nada é”; “se é, é incognoscível”; “se é e se é incognoscível, não pode ser mostrado a outros” (CASSIN, 2005, p. 278). Esse problema, no entanto, assume várias defesas:

Aquilo que não pode ser dito foi, muitas vezes, interpretado como sendo a fonte divina da linguagem e da existência humanas, seu fundamento tão necessário como inacessível, como a figura de Deus ou do Bem supremo que, a rigor, nem pode ser nomeada, já que a nomeação restringiria sua finitude. [...] Ao chamar este indizível de “Deus” e ao saber da insuficiência desta nomeação, o discurso da metafísica também afirma, de inúmeras maneiras, que seu fundamento último, fonte da linguagem e da razão, do *logos*, nele está presente e, simultaneamente, lhe escapa. **Tal afirmação paradoxal assume várias formas de apresentação, várias formas literárias [...]**. (GAGNEBIN, 2009, p. 208, grifo meu)

O indizível torna-se, assim, tanto um impeditivo para a totalização (universalização) do ser quanto torna-se possibilidade de ser na linguagem.

Esta análise não pretende mostrar como questões filosóficas foram transformadas em linguagem literária, em seu sentido “artístico” (ainda que se assuma a relevância desse tipo de



estudo), mas, antes, perceber como a questão do ser e do não ser, no tocante ao indivíduo, à forma de comunicar ao mundo suas experiências, via narrativa autobiográfica, sustenta a tese de que o real pode ser entendido não só pelo viés de uma premissa ontológica, mas também, ao se considerar o caráter paradoxal do discurso, como bem aponta Gagnebin (2009) no título de seu livro *Lembrar esquecer escrever*, como um real que só se mostra em face de sua ausência. Não, porém, no sentido de afirmar o não ser, mas de assumir uma figuração dessa ausência pela linguagem. Neste lugar é que defendo poder se encontrarem e se retroalimentarem filosofia e literatura.

1. (não) Ser: efeito do dizer

Górgias de Leontinos, em seu *Tratado do não ser*, afirma que “nada é” (CASSIN, 2005, p. 278), o que significa dizer que “[...] nada é em sentido estrito, de que coisa nenhuma possui as características próprias à concepção parmenídica do ser: nada é eterno, incriado, uno, imutável etc.” (DINUCCI, 2008a, p. 7). Para Cassin (2005, p. 271), o “nada é” de Górgias substituiu o “é” de Parmênides, desenvolvendo uma “teoria do ser como efeito do discurso ontológico”. Trata-se de deliberadamente escantear o entendimento do mundo como provido de uma ontologia positiva. Górgias, segundo Dinucci (2008a), não apenas demonstra que o ser uno parmenídico é impossível como também aponta para a impossibilidade do ser múltiplo, já que sua máxima “nada é” elimina das coisas sua substância, sua essência, pois “[...] qualquer discurso que tente atingir o fundamento da realidade, isto é, que tente se lançar para além do campo das coisas sensíveis buscando um elemento estável em que se apoiar, está fadado a conter em si mesmo contradições [...]” (DINUCCI, 2008a, p. 8).

A primeira tese do *Tratado do não ser* (CASSIN, 2005; DINUCCI, 2008a, 2008b) – *Ouden estin* (“nada é” ou “nenhuma coisa é” ou, ainda, “nem ser nem não ser é”) – congrega, conforme Dinucci (2008a, p. 8), as seguintes significações:

“Coisa nenhuma é” no sentido de que o verbo *ser* é incapaz de, servindo como cópula, [...] revelar as verdadeiras conexões presentes entre sujeitos e predicados no mundo real, pois sua própria noção é contraditória.

“Coisa nenhuma é” no sentido de que a noção de ser não pode designar qualquer característica ou atributo das coisas. As coisas não são e, por esta razão, qualquer discurso que pretenda falar do real nessa esfera de abstração está fadado a conter em si mesmo inconsistências e, conseqüentemente, fadado a ser falso. Trata-se, portanto, da crítica ao uso existencial do verbo *ser*.



O primeiro sentido guarda uma significação epistemológica; o segundo, ontológica. Guardemos, pois, seu sentido epistemológico. Dinucci (2008^a), ao tentar responder qual seria a relação entre ser e não ser, perguntando-se se são coisas distintas ou a mesma coisa, elabora o seguinte pensamento:

[...] Se são coisas distintas, ambos são, identificando-se quanto ao ser. Mas aí ser e não-ser seriam o mesmo, e nada seria. Se, porém, são distintos, cabendo ao ser não ser e ao não-ser ser, além do absurdo de o não-ser ser, o ser não seria – e, mais uma vez, nada seria. E se o ser fosse e o não-ser não fosse, ainda assim o não-ser seria não-ser, voltando o não-ser a ser – e de novo nada seria. E se o ser fosse tudo, também seria não-ser – e novamente nada seria. Por fim, **se são a mesma coisa, ser é não-ser, e vice-versa – e segue nada sendo.** (DINUCCI, 2008a, p. 9, grifo meu)

De acordo com esse raciocínio, o ser, se é absolutamente tudo, se dentro dele tudo é disposto, se é comum a todas as coisas que existem, na realidade ou na ficção, então “o ser não se distingue de nada, nem do não ser, que, ao ser mencionado, passa instantaneamente a ser”. Desse modo, as coisas não teriam propriedade de ser², uma vez que “[...] as duas vias ocultam os seus sujeitos, o não-ente tanto quanto o ente, então se compreende porque os dois verbos, sendo indiscerníveis, e as duas vias, igualmente, praticáveis, as ‘coisas’ merecerão tanto um verbo quanto o outro, e serão tanto quanto não serão [...]” (CASSIN, 2005, p. 276-277). O ser, portanto, deixa de ser característico de algo, por isso sua impossibilidade de integrar as coisas do mundo, sendo o indivíduo parte dele.

Sob esse prisma, abre-se a questão: Se a narrativa autobiográfica corresponde à narratividade de um ser individual, que ser é esse? Inicialmente, cabe ressaltar que não há, aqui, a perspectiva de definir se as narrativas autobiográficas são mais ou menos “reais” ou ficcionais, se romance ou documento historiográfico, cujo debate, parece-me, não avança. Assume-se, por outro lado, que o indivíduo, ao contar sua experiência do mundo numa tentativa de encontrar seu suposto ser, que, nesse sentido, seria propriedade do indivíduo – num movimento do ser (indivíduo que vive o mundo) em busca de seu próprio ser (seu modo de ser no mundo), estando aí implicada, ao que parece, uma relação causa-efeito –, não alcança seu objeto de desejo: conhecer ou dar a conhecer seu ser. Ao que parece essa imagem de si está sempre adiante, como uma realidade não acabada, de modo que o discurso ao mesmo tempo que rememora o passado

2 Esta é uma maneira de lidar com a questão do ser e do não ser que não suplanta todas as outras, mais positivas, cujo ser é dotado de essência e movimento, como é para Parmênides e, em certo sentido, para Espinosa.



via presente lança, inexoravelmente, esse ser-outro ao futuro. Então: que ser é esse que, narrando a si, procura a si mesmo?

Sendo a razão um dos sentidos humanos, um ser supremo, não sensível, imutável, verdadeiro, essencial, não poderia fazer parte da experiência humana, haja vista que não seria percebido pelos sentidos. E a dúvida impera: O que é perceptível a respeito de seu próprio ser, quando alguém decide escrever sobre si, mobilizando, para tanto, o discurso? Daí a necessidade de reformular o entendimento a respeito do ser e do não ser, abrindo a possibilidade de, nem sendo uno nem múltiplo, divisá-lo pela linguagem, no sentido de que “[...] o discurso não é ‘comemorativo’ do de fora, é o de fora que se torna revelador do discurso” (CASSIN, 2005, p. 289). Isso porque o discurso não mais seria depositário de memórias exteriores, guardião de experiências já observadas, ou seja, não seria ele comemorativo do “de fora”, mas, antes, revelaria aquilo que escapa à apreensão, que ainda não está acabado, ou seja, é o de fora que acaba sendo revelado pelo discurso.

Dessa perspectiva, é razoável assumir que a abordagem não ontológica, uma vez que contesta essa transformação do universal ou do particular em essencial, abre espaço para que uma outra forma de ver e existir no mundo se consolide. Portanto, o posicionamento aqui assumido, e que orientará mais adiante a leitura de *As inseparáveis*, é o de que um ser universal, supremo, essencial não existe.

E o que existe?

2. *As inseparáveis* e a fabricação de si

Esta análise adota um viés filosófico-literário, o que não significa dizer que a literatura servirá à filosofia, ou vice-versa, mas que a potência de expressão do mundo pela arte e pela filosofia, quando coadunadas, pode submeter velhas questões a um novo prisma.

As inseparáveis (BEAUVOIR, 2021), obra lançada em outubro de 2020 por Sylvie Le Bon de Beauvoir, herdeira de Simone de Beauvoir, pode ser tomada como a primeira narrativa autobiográfica da autora, tendo sido escrita em 1954. Esse primeiro ensaio da autora em narrar sua experiência, mais especificamente sua amizade com Élisabeth Lacoïn (Zaza), antecipa o posterior projeto autobiográfico de Beauvoir, que inclui: *Mémoires d'une jeune fille rangée* (1958); *La force de l'âge* (1960); *La force des choses* (1963); *Une mort très douce* (1964) e *Tout compte fait* (1972). Entretanto, não é consensual entre os críticos de Simone de Beauvoir a inclusão de *Une mort très douce* (1964) e *Tout compte fait* (1972) em seu projeto autobiográfico. No entanto, tais narrativas não se destacam, formal e esteticamente, das demais;



e mesmo que fossem distintas, como é o caso do romance autobiográfico *As inseparáveis* (2021), creio que no domínio do conteúdo o efeito alcançado é o mesmo: narrar sua experiência numa tentativa de investigar a si, revelar a si, suas crenças, sua forma de ser no mundo a seu leitor. E, embora o livro tenha sido publicado postumamente, assumo que este tenha sido o seu primeiro “ensaio” autobiográfico, escrito quatro anos antes de *Mémoires d’une jeune fille rangée*, este considerado pela crítica seu primeiro livro de memória, de 1958, e no qual também aparecerá a convivência com Zaza, contada, porém, por meio de outros artifícios retóricos. Logo, considerar *As inseparáveis* como sendo parte de um projeto que Beauvoir finalizará dez anos depois, em 1964, possibilita-nos laçar um olhar mais abrangente (e mais revelador) de sua obra autobiográfica. Daí a relevância de começar por este livro essa investigação a respeito do ser que se revela (se é que revela) nas memórias dessa autora.

Para tanto, Beauvoir selecionou o gênero romance, diferentemente de seus outros escritos, cuja linguagem é mais “documental”, mas nem por isso desprovida de artifícios retóricos e, até mesmo, ficcionais³. Sylvie (Simone de Beauvoir) e Andrée (Zaza), protagonistas de *As inseparáveis*, se conhecem ainda crianças, aos 9 anos, e juntas vivenciam a adolescência e a juventude, fases marcadas por uma rebeldia inicialmente muito mais imponente por parte de Andrée do que de Sylvie. Narrado sob o ponto de vista de Sylvie, trata-se, portanto, de uma narrativa em primeira pessoa, as 120 páginas desse romance evidenciam sob quais condições as meninas eram criadas na França do século XX, de modo a mostrar como as obrigações da alta sociedade francesa impostas às mulheres solapavam sua autonomia. Andrée, filha de família rica, sucumbe às obrigações sociais – como ajudar a mãe a cuidar das irmãs, receber visitas ilustres em jantares enfadonhos, ver sua paixão pelo violino acabrunhar-se pelo tempo dedicado à família e à alta sociedade parisiense, ser impedida de se relacionar amorosamente com Pascal, pertencente a uma classe mais baixa que a sua, e, por fim, de manter sua amizade com Sylvie –, sendo, ao fim, internada em um sanatório onde morre aos 21 anos.

Simone de Beauvoir reconta essa história em *Mémoires d’une jeune fille rangée* (1958), sob outra ótica, além de entrevistas nas quais menciona seu relacionamento e a trágica morte

3 Embora não me proponha, aqui, a discutir o estatuto do gênero autobiográfico e, ainda, embora sejam conhecidas as mediações necessárias para a escritura-leitura de autobiografias (ou qualquer outra categoria que sirva mais ou menos a quem discute tais questões), compartilho da ideia de que “o gênero é tradução de uma realidade que, por sua vez, também não é dada como estável e bruta, pronta para ser percebida. Toda a atividade conceitual e discursiva serve, em certa medida, para modelar e ordenar o mundo bruto da ontologia. Assim, a abordagem logológica é uma saída para evitar o empirismo ontológico que foi oposto à logologia sofisticada após Platão e Aristóteles” (GONÇALVES, 2010).



de Zaza. E quando decide transformar essa experiência em narrativa, deixa clara a afecção dessa história em sua própria formação como mulher, como indivíduo sensível às coisas do mundo. Assim, Beauvoir não traz a público apenas a história de Zaza, como se sua tentativa fosse somente a de lembrar para não esquecer, na esteira de Walter Benjamin⁴, pois não apenas registra a trágica história de sua amiga, mas o faz (e direciona seu leitor a esse caminho) de modo a procurar seu próprio modo de ser (no passado e no presente) nesse período entre seus 9 e 21 anos; a escolha da primeira pessoa, como se vê, não é à toa.

Com 9 anos eu era uma menina muito comportada; nem sempre tinha sido assim; durante minha primeira infância, a tirania dos adultos me punha em transe tão furiosos, que uma de minhas tias declarou um dia, seriamente; “Sylvie está possuída pelo demônio”. A guerra e a religião venceram minhas resistências. Imediatamente comecei a demonstrar um patriotismo exemplar, pisoteando um boneco de celuloide “Made in Germany”, de que, aliás, eu não gostava. Disseram-me que de meu bom comportamento e de minha devoção dependia a salvação da França por Deus: eu não podia me furtar. Andei pela Basílica de Sacré-Coeur com outras meninas, agitando auriflamas e cantando. Comecei a rezar muitíssimo e tomei gosto por aquilo. O padre Dominique, que era capelão no colégio Adélaïde, encorajou meu fervor. Com vestido de tule e touca de renda da Irlanda na cabeça, fiz primeira comunhão: a partir daquele dia puderam me citar como exemplo para minhas irmãs. Obtive do céu que meu pai fosse designado para o Ministério da Guerra, por insuficiência cardíaca. (BEAUVOIR, 2021, p. 17)

A esse ser infantil, em formação, Sylvie contrapõe, ao longo de seu percurso como menina estudante em um colégio de freiras e filha de pais conservadores, um outro modo de ser, cuja interferência social, política e econômica conduziram-na a uma forma de existir radicalmente distinta da de Andrée, o que é observado pela amiga: “[...] Você vai ter uma profissão, vai poder se dedicar a alguma coisa sem se casar. Mas ser uma solteirona inútil como Guite [irmã mais velha de Andrée, nessa altura com 28 anos] não é bom” (BEAUVOIR, 2021,

4 Jeanne Marie Gagnebin, em *Lembrar Escrever Esquecer* (2006, p. 11-12), afirma que é preciso “[...] De um lado, na esteira de Walter Benjamin, não esquecer dos mortos, dos vencidos, não calar, mais uma vez, suas vozes – isto é, cumprir uma exigência de transmissão e de escritura. De outro, agora seguindo as pegadas de Nietzsche, não cair na ilusão narcísica de que a atividade intelectual e a acadêmica possam encontrar sua justificação definitiva nesse trabalho de acumulação – pois o apelo do presente, da vida no presente, também exige que o pensamento saiba esquecer”. Portanto, a contingência, o recorte da realidade, também decorrem da impossibilidade de se atentar e de se registrar tudo, e a escrita, como recurso por meio do qual também é possível lembrar (para além da oralidade), desempenha um papel crucial nesse paradoxo. Escrever vem depois de lembrar e antes de esquecer, como sugere o próprio título do livro de Gagnebin (2009), ratificando, assim, a noção de que “[...] o discurso não é ‘comemorativo’ do de fora, é o de fora que se torna revelador do discurso” (CASSIN, 2005, p. 289), de modo que “[...] a palavra rememorativa, certamente imprescindível, não tira sua força mais viva da conservação do passado e da perseverança de escritores, historiadores ou filósofos; mas do apelo à felicidade do presente, isto é, em termos filosóficos antigos, da exigência da vida justa dos homens junto com outros homens. Ouvir o apelo do passado significa também estar atento a esse apelo de felicidade e, portanto, de transformação do presente, mesmo quando ele parece estar sufocado e ressoar de maneira quase inaudível” (GAGNEBIN, 2009, p. 12)



p. 71). A essa constatação de Andrée, Sylvie reflete: “Muitas vezes, egoisticamente, eu me sentia feliz porque os bolcheviques e a maldade da vida tinham arruinado meu pai: eu era obrigada a trabalhar, os problemas que atormentavam Andrée não me atingiam” (BEAUVOIR, 2021, p. 71). Em outra altura do texto, Sylvie faz a seguinte afirmação a respeito da existência da amiga, corroborando a mudança de suas certezas infantis das de agora, jovem estudante de Filosofia na Sorbonne:

“Que escravidão” [...]. Não havia um movimento seu que não fosse controlado pela mãe ou pela avó e não se tornasse logo exemplo para as irmãs. Não havia um pensamento de que ela não tivesse de prestar contas a Deus!
“Isso é o pior”, concluí no dia seguinte, enquanto Andrée rezava ao meu lado [...]. Andrée falava a Deus: com que palavras? Não devia ter relações simples com ele; eu tinha certeza de uma coisa: ela não conseguia se convencer de que ele era bom; no entanto, não queria desagradá-lo e tentava amá-lo. **As coisas teriam sido mais simples se ela, como eu, tivesse perdido a fé assim que a fé perdera a ingenuidade** [...]. (BEAUVOIR, 2021, p. 91-92, grifo meu)

Sob essa ótica, contesto uma proposta de leitura que vê no não-ser esse suposto vazio que opera na transição entre o que “se quer ser” (dever ser) e o que “se veio a ser” (abertura para o devir), ou seja, não considero o não-ser como meio de transformação do ser, uma vez que, ao negar a ontologia, nego, com isso, a possibilidade de operação do ser e do não-ser na realidade. Nesse sentido, a relação referencial (e tradicional) entre a palavra e o mundo se inverte, pois “não é um objeto preexistente que é eficaz através da palavra, é a palavra que produz imediatamente algo como um objeto: sentimento, opinião, crença nessa ou naquela realidade, estado do mundo, a realidade mesma, indiscernivelmente” (CASSIN, 2005, p. 56). Trata-se, assim, “não de um efeito ‘retórico’ sobre o ouvinte, [...] mas de um efeito-mundo” (CASSIN, 2005, p. 56).

A escolha da primeira pessoa é reveladora da irredutibilidade entre vida e obra, entre o eu e o eu, na medida que a ficção, por um lado, impede justamente que se faça uma leitura totalizante do ser e, por outro, oferece a possibilidade de ser na linguagem, dando nome, assim, tanto ao horror quanto ao contentamento, no limite, à humanidade.

Na esteira de Starobinski (1970, p. 85):

Au vrai, le passé ne peut jamais être évoqué qu’à partir d’un présent : la « vérité » des jours révolus n’est telle que pour la conscience qui, accueillant aujourd’hui leur image, ne peut éviter de leur imposer sa forme, son style. Toute autobiographie – se limitât-elle à une pure narration – est une auto-interprétation. Le style est ici l’indice



de la relation entre le scripteur et son propre passé, en même temps qu'il révèle le projet, orienté vers le futur, d'une manière spécifique de se révéler à autrui.⁵

Desse modo, a consciência organiza discursivamente o passado e, nesse caminho, revela um projeto futuro de ser, ser-outro, no mundo e para o outro. O dizer organiza o eu, ou seja, é o discurso que produz um ser-eu. Nesse caso, o discurso autobiográfico de Simone de Beauvoir, agenciado pela consciência (mediada por palavras) de sua personagem Sylvie, cria esse ser nunca acabado; acepção essa já comunicada pela filósofa em seu último livro de memórias – *Balanço final*:

Nos volumes precedentes, adotei uma certa ordem cronológica. Conheço seus inconvenientes. O leitor tem a impressão de que só lhe é fornecido o acessório: preâmbulos. **Parece que o essencial estaria sempre mais adiante, mais longe. A cada página, espera-se em vão atingi-lo – e o livro termina sem ter chegado a um fim. Aprisionando-a em frases, meu relato faz de minha história uma realidade acabada que ela não é.** Mas também a torna dispersa, dissociando-a numa sucessão de instantes isolados, quando na verdade, em cada um deles, passado, presente e futuro estavam indissolúvelmente ligados. (BEAUVOIR, 1982, p. 7, grifo meu)

Em suma, essa busca do indivíduo por seu suposto ser, sua essência, é sempre uma realidade inacabada; esse encontro com o próprio ser é impossível porque não há nada “lá fora” a ser encontrado, uma vez que a causa e o efeito de ser são discursivos⁶.

As inseparáveis se encerra com a voz revoltada de Sylvie com a separação bruta, prematura e imbecil de sua melhor amiga:

Revi Andrée na capela da clínica, deitada no meio de um canteiro de círios e flores. Estava com uma de suas longas camisolas de linho cru. Seus cabelos tinham crescido, caíam em mechas lisas em torno de um rosto amarelo, tão magro que tive dificuldade para reconhecer seus traços. As mãos, de longas unhas pálidas, cruzadas sobre o crucifixo, pareciam friáveis como as de uma velha múmia. Foi enterrada no pequeno cemitério de Béthary, entre a poeira dos antepassados. A senhora Gallard soluçava. “Fomos apenas instrumentos nas mãos de Deus”, disse-lhe o senhor Gallard. O túmulo estava coberto de flores brancas. Compreendi, obscuramente, que Andrée tinha morrido sufocada por aquela brancura. Antes de pegar o trem de volta, depus sobre os ramos imaculados três rosas vermelhas. (BEAUVOIR, 2021, p. 127)

5 “Na verdade, o passado somente é evocado a partir do presente: a ‘verdade’ dos dias vividos não é outra senão a consciência que, acolhendo a sua imagem de hoje, não pode evitar impor a sua forma, o seu estilo. Toda autobiografia – ainda que restrita a uma pura narração – corresponde a uma autointerpretação. O estilo, aqui, indica a relação entre o escritor e seu próprio passado, ao mesmo tempo que lhe revela o projeto, orientado ao futuro, como uma maneira específica de se revelar ao outro” (tradução minha).

6 Seria razoável se, nesse momento, alguém perguntasse: Então, qual é a relação do discurso com a realidade? Como esse processo é matizado através do discurso? Bem, isso é assunto para outro artigo, mas aqui está lançada uma inquietação produtiva.



A morte de Andrée passa à literatura não como uma perda acabada, sua morte é que incita a reescrita daquilo que permanece vivo; Sylvie insiste em uma morte coroada de rosas vermelhas, não brancas e entregues ao esquecimento; a sobrevivência de uma das protagonistas, seu modo de ser no mundo está, incontinentemente, atrelado às palavras e aos eventos narrados; é preciso criar ainda uma vez mais esse eu.

Nota-se, portanto, que essa narrativa não é nem nunca foi somente um memorial dedicado a Zaza, pois, por meio desse discurso também sobre si mesma, Simone de Beauvoir volta a refutar suas crenças passadas, condena um modo de existir apenas aparente, submete-se a uma revisão, não atestando, para tanto, nenhuma máxima conclusiva a respeito de um (im)possível encontro com sua identidade como manifestação de um ser essencial; Sylvie é à medida que faz de si o que é, circunscrita pela situação econômica de sua família, que fora definidora, em certa medida, de sua forma de existir. Sylvie é no presente, enquanto manifestação da consciência discursiva de Simone de Beauvoir, a qual, ao fim de seu projeto autobiográfico, afirma-se inacabada, assim como um acontecimento discursivo: novo, único e irrepetível, e se a cada novo enunciado se constitui um novo acontecimento, o não-ser não pode ser tomado, dessa perspectiva, como instaurador da mudança, uma vez que é o discurso o seu responsável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a discussão proposta, penso ser imprescindível reafirmar, nestas considerações finais, que a negação da ontologia do ser não recai, ao refletir sobre a existência do indivíduo no mundo, num relativismo de que tudo o que se afirma discursivamente torna-se verdadeiro, mas que entre a palavra e a realidade há um abismo que, embora possa ser transposto também pela literatura, nunca será extinto. Tal abismo nem é ser, nem é não-ser, afinal não é no vazio que se opera a mudança.

Por fim, encerro com esse pensamento cirúrgico de Gagbnebin (2009, p. 209):

Ora, a filosofia moderna, e mais ainda a contemporânea, sofre um processo de secularização que caracteriza toda a modernidade em sentido político amplo. Assim, chamar este indizível, fundamento e fonte de nossa existência e de nossa linguagem, de “Deus” não parece mais ser adequado. Mas a questão persiste. Tenta-se transformá-la, surgem outras tentativas de respostas, outros nomes (re)surgem: o Ser, o Sublime, o Real. E, numa vertente mais ligada à herança crítica, também se afirma, simplesmente, que a linguagem humana não pode dizer sua origem, não pode dizer, definir, explicitar sua relação à realidade do mundo, já que não podemos sair nem da



linguagem nem do mundo para observar e descrever como se relacionam. Entre a palavra que enuncia e a realidade que ela quer apreender, sempre haverá um abismo que ela pode, sim, atravessar (Blanchot), mas nunca abolir.

Não se trata, portanto, de uma escrita do eu, num sentido especificamente autobiográfico, mas de um eu de escrita, que precisa encontrar sempre outros modos de dizer eu. E é nessa perspectiva que leio, aqui, *As inseparáveis*.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *A força da idade*. Tradução de Sérgio Milliet. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

_____. *As inseparáveis*. Tradução de Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Record, 2021.

_____. *Balanço final*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CASSIN, Barbara. *O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005.

DINUCCI, Aldo Lopes. Análise das Três Teses do *Tratado do Não-Ser* de Górgias de Leontinos. *O que nos faz pensar*, v. 17, n. 24, p. 5-22, outubro 2008a. Disponível em: <<http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/257>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

_____. Paráfrase do MXG do *Tratado do não-ser* de Górgias de Leontinos. *Transformação*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 197-203, 2008b. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/976>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Linguagem, sofística e tradução: a atividade performativa e constitutiva da tradução na literatura latina dos séculos III e II a.C. In: SIMPOSIO NACIONAL DE ESTUDIOS CLÁSICOS - ASOCIACIÓN ARGENTINA DE ESTUDIOS CLÁSICOS, 21, 2010. *Anais...* Argentina, Universidad Nacional Del Litoral, 2010.

STAROBINSKI, Jean. *L'oeil vivant II: La relation critique*. França: Gallimard, 1970.